

Funcionalismo e Cognitivismo: o viés cognitivista da gramática funcional

Hanna Jakubowicz Batoréo¹
Mariangela Rios de Oliveira²
Milena Torres de Aguiar³

O eixo temático deste volume da *Soletras* é dedicado à divulgação de resultados de pesquisas que se fundamentam teoricamente na interface da investigação funcionalista e da cognitivista. Os artigos aqui apresentados contemplam, em maior ou menor grau, a vertente cognitivista que permeia os estudos funcionalistas da linguagem, desde a sua fase inicial. Essa origem é localizada na Costa Oeste do Estados Unidos, com base em fontes pioneiras como Bolinger, Givón, Thompson e Hopper, entre outros, a partir da década de 70 do século XX.

Como demonstrado em Oliveira (2020), o viés cognitivista da gramática funcional se manifesta tanto no chamado *Funcionalismo Clássico*, correspondente, em termos gerais, às décadas de 70, 80 e 90 do século XX, quanto na fase atual desses estudos, nomeada de *Linguística Funcional Centrada no Uso* (LFCU)⁴. Esse rótulo destaca, no Brasil, a incorporação da abordagem construcional da gramática, de modo mais efetivo, à investigação funcionalista da linguagem, ocorrida a partir dos anos iniciais do século XXI, como assumido em Rosário e Oliveira (2016).

De acordo com Givón (1979), dois dos princípios mais caros ao Funcionalismo, como iconicidade e marcação, têm forte componente cognitivista. A iconicidade, fundada na relação motivada entre função e forma, desdobra-se em três subprincípios: quantidade (quanto mais relevante uma informação, maior forma é usada para sua codificação), proximidade

¹ Doutora em Linguística pela Universidade de Lisboa. Professora associada, com agregação, do Departamento de Humanidades da Universidade Aberta e investigadora do CLUNL- Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. E-mail: hannabatoreo@hotmail.com. ORCID iD: 0000-0001-9302-1609

² Doutora em Letras Vernáculas ó Língua Portuguesa pela UFRJ. Professora titular de Língua Portuguesa da UFF; professora visitante da UERJ; pesquisadora do CNPq e Cientista do Nosso Estado pela Faperj. E-mail: mariangelariosdeoliveira@gmail.com. ORCID iD: 0000-0002-1474-281X

³ Doutora em Estudos de Linguagem pela UFF. Professora adjunta de Língua Portuguesa da UERJ; chefe do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores. E-mail: milenatda@gmail.com. ORCID iD: 0000-0001-9072-4093

⁴ O termo *Linguística Funcional Centrada no Uso* (LFCU) foi usado pioneiramente pelo Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* (<https://discursoegramaticablog.wordpress.com/>), numa referência hoje adotada por outras comunidades acadêmicas que incorporam a perspectiva construcional, de orientação cognitivista, à pesquisa de cunho funcionalista.

(conteúdos mais integrados são expressos por formas mais próximas na estruturação linguística) e ordem linear (o que é informação mais relevante ou tópica tende a ocupar posição sintática inicial). O mesmo podemos dizer sobre marcação, que também se distribui em três subprincípios para distinguir membros categoriais mais e menos marcados: complexidade estrutural (elementos marcados são mais extensos, ou pesados, do que os não marcados), complexidade cognitiva (elementos marcados demandam maior tempo e custo de processamento do que os não marcados) e distribuição de frequência (elementos marcados são menos produtivos no uso linguístico dos que os não marcados).

Outro postulado teórico funcionalista que apresenta forte base cognitivista se encontra nas distintas propostas de *cline* de derivação semântica, fundadas em trajetórias metafóricas, como definidas por Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1987). Nessa linha, Traugott e Heine (1991) partem da derivação localista *espaço* -> (*tempo*) -> *texto*, segundo a qual referentes de sentido espacial, mais concreto e objetivo, são ponto de partida para a expressão de sentido temporal, mais abstrato e subjetivo, e daí para sentidos mais lógicos e intersubjetivos, concernentes a conteúdos textuais e gramaticais. Identificamos uma variante dessa proposta, com maior grau de refinamento semântico, em Heine et al (1991): *corpo* -> *objeto* -> *processo* -> *espaço* -> *tempo* -> *qualidade*. Em síntese, tais trajetórias de derivação funcionalista assumem a unidirecionalidade da mudança linguística e seu forte componente cognitivista, na defesa de caminhos do tipo *concreto* -> *abstrato*, *léxico* -> *gramática*, *menos gramatical* -> *mais gramatical*, *objetividade* -> (*inter*)*subjetividade*, entre outros.

A gramaticalização, assumida na fase clássica dos estudos funcionalistas como trajetória de mudança linguística que leva itens do léxico à gramática ou itens menos gramaticais para mais gramaticais, nos termos de Hopper e Traugott (1993), entre outros, é concebida em termos unidirecionais, a partir dos *clines* metafóricos referidos. Trata-se, portanto, do tratamento da mudança da gramática a partir dos princípios de iconicidade e de marcação, além das rotas de metaforização. No Brasil, temos em Martelotta, Votre e Cezario (1996) a primeira coletânea voltada para a descrição e a análise do português em perspectiva funcional, com destaque para estudos sobre gramaticalização, iconicidade, marcação, metaforização, prototipicidade e repetição, entre outros.

A partir do século XXI, a pesquisa funcionalista se aproxima e se vincula de modo mais explícito aos estudos cognitivistas, com a incorporação da abordagem construcional da

gramática à investigação dos usos linguísticos, como assumem, por exemplo, Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014). No Brasil, tal interface de estudos tem sido nomeada como LFCU. De acordo com esse realinhamento teórico, a língua em uso, tão cara à investigação clássica funcionalista, passa a ser vista como instância de construções, estas entendidas, nos termos de Goldberg (1995; 2006; 2019), Croft (2001) e Croft e Cruse (2004), como pareamentos convencionalizados de conteúdo e forma. Assim, a língua é tomada com uma rede, um conjunto estruturado e interconectado de construções (*constructicon*), e a mudança linguística passa a ser vista, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), como construcionalização ó criação de uma nova e inédita construção na língua, de tipo lexical ou gramatical ó ou como mudança construcional ó alteração de uma construção somente ao nível do eixo de seu conteúdo ou forma, sem acarretar o surgimento de uma nova construção na rede linguística.

A unidirecionalidade da mudança gramatical, assumida na fase clássica dos estudos funcionalistas, divide lugar agora com a direcionalidade, na defesa do maior equilíbrio entre aspectos funcionais e formais. Essa paridade entre ambos os eixos é codificada por Traugott e Trousdale (2013, p. 8) como *[[Forma] <---> [Conteúdo]]*, em que a seta marca a relação biunívoca entre tais eixos, tendo os colchetes externos a indicação de que se trata de uma unidade convencionalizada, de uma construção.

Outro efeito consequente da incorporação da abordagem construcional à pesquisa funcionalista é o redimensionamento das relações associativas, ou metonímicas, dos usos linguísticos, como destacado por Traugott e Dasher (2005). Assim, a metaforização, voltada para a investigação de processos de derivação de conteúdo, conforme investigada desde a fase clássica dos estudos funcionalistas, é agora complementada pela pesquisa da metonimização, com foco nos elos relacionais e sintagmáticos das instâncias de uso.

Inspirada na proposta de Croft (2001), a pesquisa funcionalista passa a identificar e a levar em conta seis propriedades construcionais, simbolicamente vinculadas em termos de conteúdo e de forma. Nesse sentido, ao se investigar uma construção, cabe ao analista considerar as seguintes propriedades: a) no eixo do conteúdo, as relativas a aspectos semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais; b) no eixo da forma, as atinentes a aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. A língua em uso, portanto, é tomada agora como *locus*

da instanciação construcional, como conjunto de *tokens* impactados pelas condições contextuais, intra e extralinguísticas, envolvidas na interação.

Com Bybee (2010) e Diessel (2017), destacam-se os processos cognitivos de domínio geral, que impactam o comportamento humano e que concorrem também para a configuração gramatical, marcando a gradiência e a variabilidade das línguas. Em Bybee (2010), cinco desses processos cognitivos são referidos: a) *categorização*, que diz respeito à capacidade humana para classificar, para formar conjuntos de elementos com propriedades afins; b) *chunking* ou *encadeamento*, que se refere à tendência a unir elementos discretos, fundamentada na concepção holística da linguagem; c) *analogização*, que se resume a produzir novas declarações com base em outras já disponíveis, as quais servem de base para tal produção; d) *memorização enriquecida*, que faz referência à bagagem mental de experiências compartilhadas no trato social, o que facilita o acesso a novas experiências; e) *associação transmodal*, que corresponde à habilidade humana em estabelecer correspondências cognitivas entre experiências co-ocorrentes.

A esse grupo de cinco processos cognitivos gerais, Diessel (2017) acrescenta a *cognição social*, que tem na atenção conjunta sua forma básica de manifestação. Segundo o autor, os interlocutores devem dirigir sua atenção para a mesma experiência, o que pode envolver um objeto, um evento na situação contextual ou um conceito evocado pelo discurso precedente. Na atenção conjunta, ganha destaque o apontamento dêitico, como dispositivo comunicativo universalmente disponível e que concorre para que os interlocutores demarcem seu espaço atencional.

Sumariamente expostos alguns dos pontos de interface entre o Funcionalismo e o Cognitivismo, passamos agora a apresentar a síntese dos catorze textos que compõem este volume. Conforme os leitores poderão verificar, trata-se de publicações que abordam o viés cognitivista da gramática funcional a partir da investigação de distintos objetos de pesquisa e da seleção de aportes teóricos específicos, na demonstração do quanto é variada, rica e complexa a interface das duas áreas teóricas referidas.

No primeiro artigo, intitulado *Evento de movimento transitivo: uso e cognição*, Maria Angélica Furtado da Cunha e Alan Marinho César, tomando como base teórica a LFCU, a Linguística Cognitiva e a Gramática de Construções, focalizam a codificação semântico-sintática da construção de movimento transitivo ao tratar da relação entre o tipo de evento

expresso por esta construção e os esquemas cognitivos por ela acionados. Os dados empíricos foram coletados do *Corpus* Discurso & Gramática, do Banco de Sentenças da Justiça Federal do Rio Grande do Norte, do Banco de Dados do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua da UFRJ e de textos disponíveis *online* em *sites* de revistas de ampla circulação. Os resultados dessa pesquisa revelam um esquema construcional que sanciona três subesquemas e sete microconstruções que, por sua vez, articulam noções de movimento causado, movimento percorrido e movimento associado. Da perspectiva sintático-semântica, a codificação linguística do evento de movimento transitivo projeta *frames* que manifestam diferentes tipos de movimento, como manipulação, transporte e deslocamento; em termos de estrutura cognitiva, os esquemas imagéticos apontam o traço focalizado do trajeto.

Em *Tipologia de construções mediais em português: uma proposta cognitivo-funcional*, ensaio que compõe este volume, Maria Claudete Lima, baseada na noção de transitividade proposta por Hopper e Thompson (1980) e no Modelo Cognitivo Idealizado de Causalidade de Langacker (1991), propõe uma tipologia das construções médias em língua portuguesa, as quais se manifestam de forma lexical, sintática e perifrástica. Para tanto, a autora discute as características centrais da voz média e analisa, quanto à forma de codificação, à expressão da causa, ao tipo de evento, à motivação pragmática e à saliência das entidades, ocorrências retiradas do *Corpus* do Português NOW, que abrange textos escritos do Brasil e de Portugal, de 2012 a 2019. Os resultados apontam que as construções de voz inseridas no domínio medial são expressões distintas do mesmo construto de não atribuição de causalidade, o qual inclui ainda as construções passivas e impessoais.

Ainda sob o bojo da transitividade, no artigo *Entre agulhas e linhas: a metáfora de corte e costura em construções transitivas*, Lilian Ferrari e Caroline Soares investigam tal metáfora no português brasileiro, a qual constitui, assim como a metáfora do conduto de Reddy (1979), um dos mapeamentos metafóricos disponíveis para referência à comunicação verbal. A partir de dados de uso retirados do *Twitter*, as autoras argumentam que a metáfora *comunicação verbal é atividade de corte e costura* é normalmente aplicada à construção transitiva, engendrando duas extensões metafóricas: a extensão transitiva prototípica, instanciada pelos verbos *alfinetar* e *tesourar*, e a extensão transitiva resultativa, instanciada pelos verbos *alinhavar*, *costurar*, *tecer*, *tricotar*. Com o objetivo de investigar sua produtividade, a análise enfoca a frequência de sentidos literais e metafóricos para cada grupo

de construções. Os resultados indicam que as extensões metafóricas de transitivas prototípicas, instanciadas por *alfinetar* e *tesourar*, são mais frequentes que suas contrapartes literais. Já as transitivas resultativas se dividem em dois grupos: as instanciadas por *costurar* e *tricotar*, em que predomina o sentido literal, e as instanciadas por *alinhar* e *tecer*, que ocorrem preferencialmente com sentido metafórico.

Também trabalhando as extensões metafóricas e embasadas na concepção de que a linguagem é motivada por processos cognitivos, sociointeracionais e culturais, Aparecida da Penha Krohling Christ e Lúcia Helena Peyroton da Rocha, em *A influência da metáfora e do chunking na convencionalização de construções com o verbo «cortar»*, analisam, sob abordagem construcional, um grupo de sequências de palavras com o verbo *cortar* seguido de complemento que parecem formar uma única unidade, um *chunk* independente para fins de processamento e análise. Vinculadas à LFCU, tendo como suporte, entre outros, os estudos funcionalistas e cognitivistas de Lakoff e Johnson (2002), Goldberg (1995, 2006), Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2016) e Langacker (1987), e valendo-se de um *corpus* constituído por textos coletados no jornal *A Gazeta*, do estado do Espírito Santo, no período de janeiro a dezembro de 2017, as autoras identificam 50 *tokens* e 09 *types* que permitem refletir sobre a influência do *chunking* e das projeções metafóricas na convencionalização dessas construções. Elas observam que as construções analisadas não apresentam o mesmo grau de composicionalidade, o que as leva a propor um *continuum* dessas construções, definindo critérios para tal *cline*.

Em *A construção de atenuação do discurso com verbo suporte trazer: uma abordagem construcional baseada no uso*, Fábio Rodrigo Gomes da Costa e Marcia dos Santos Machado Vieira analisam a construção representada, no plano da forma, pela estrutura [trazerVsuporte + _____ Elemento não-verbal predicante (com Ndeverbal)] predicador verbal complexo. Essa construção licencia subesquemas construcionais que envolvem ou SN ou SP com Ndeverbal no segundo *slot*, destinado a elemento não-verbal predicante. Conforme o modelo de rede proposto por Diessel (2017), a construção analisada e seus subesquemas construcionais estão interconectados em uma rede construcional por meio de *links* taxonômicos, horizontais, sintáticos e lexicais. Com o aparato teórico-metodológico da Linguística Funcional-Cognitiva e da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), valendo-se do banco de dados do *site* eletrônico da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro

(ALERJ), foram analisados discursos de deputados entre os anos de 2011 e 2019. Da análise de dados, destacam-se os seguintes resultados: (i) o preenchimento de elemento não-verbal por SN com Ndeverbal viabiliza moldar o participante sujeito (que pode coincidir ou não com o enunciador) na figura de um porta-voz e (ii) seu preenchimento por SP com Ndeverbal viabiliza sobressair o papel do interlocutor no estado de coisas encaminhado pelo enunciador.

No artigo *A metaftonímia presente na construção X virar Uber*, Roza Maria Palomanes Ribeiro assume que o fenômeno da uberização, em que desempregados se cadastram como motoristas do aplicativo administrado pela empresa *Uber*, resultou no surgimento da construção em estudo, frequente no português do Brasil. O propósito de sua pesquisa é descrever a construção sob o viés teórico da Linguística Cognitiva, mais especificamente no que tange aos processamentos metafórico e metonímico (LAKOFF; JOHNSON, 2002; RADDEN; KÖVECSES, 2007; LAKOFF; TURNER, 1989; CROFT, 1993; GOSENS, 2002), partindo da hipótese de que o fenômeno da metaftonímia está presente nessa convencionalização esquemática. Para tanto, a autora coleta dados através da ferramenta de buscas GOOGLE, levando em conta as 100 primeiras ocorrências distribuídas nas 10 primeiras páginas de busca, e adota tratamento qualitativo dos dados. Após seleção e análise dos dados coletados, chega à conclusão de que ocorre, neste caso estudado, o fenômeno da metaftonímia do tipo metáfora da metonímia, em que a entidade conceptual *Empresa Uber* provê acesso mental à entidade conceptual *motorista de aplicativo*, dentro do mesmo domínio, configurando o processo metonímico. E, ao mesmo tempo, se dá um mapeamento entre domínios da experiência sustentados pela metáfora *o homem é uma entidade não humana*.

Também enfocando os processos metafóricos, o artigo *A metáfora conceptual como fator relevante para mudanças construcionais: um olhar sobre as microconstruções alto lá e toma lá dá cá*, de Flávia Saboya da Luz Rosa, aborda duas metáforas conceptuais reconhecidas nos estudos cognitivistas *ó discussão é guerra* e *discussão define um caminho* ó a partir dos processos que resultam em mudanças construcionais das microconstruções *alto lá* e *toma lá dá cá*. Fundamentado na LFCU, este trabalho tem como base, sobretudo, a abordagem construcionalista de Traugott e Trousdale (2013) compatibilizada com os estudos sobre metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (2003). Para a investigação pancrônica de *alto lá*, Rosa vale-se do *Corpus* do Português e *Corpus* Tycho Brahe (século XIII ao XX), do

Diário do Congresso Nacional (séculos XX e XXI) e de publicações contemporâneas da Web. Para o estudo sincrônico de *toma lá dá*, são coletados textos de 2000 a 2020 com uso da pesquisa avançada do Google. Por meio de análises dos contextos de mudança das microconstruções em foco, a autora verifica o surgimento de novos conteúdos semânticos associados a conceptualizações socioculturalmente compartilhadas. A autora conclui que a metáfora conceptual é fator importante, junto a outros, tais como os históricos e os estruturais, nos processos de mudança e de convencionalização construcional.

Em *As construções conectoras [com isso] e [como se não bastasse (x)] na promoção da coesão híbrida*, Monclar Guimarães Lopes e Samara Costa Moura descrevem as propriedades formais e funcionais dessas duas construções conectoras complexas, as quais tanto estabelecem relações coesivas mais amplas quanto operam em diferentes níveis: conectando orações, períodos ou parágrafos. Fundamentados nos pressupostos teóricos da LFCU (cf. CUNHA et al., 2013; OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2016, entre outros), em diálogo com os estudos da Linguística Textual (cf. FÁVERO, 2004; KOCH, 2003), os autores empregam metodologia quali-quantitativa para o estudo de 60 dados do século XXI, extraídos do *Corpus Now* (www.corpusdoportugues.org). Os resultados evidenciam que: i) tais construções estabelecem coesão híbrida, isto é, tanto sequencial quanto referencial, haja vista que, ao mesmo tempo em que apresentam elementos que promovem a conexão lógica, encapsulam porções precedentes do texto; ii) a porção encapsulada de material precedente está associada à posição assumida pela construção dentro do texto; iii) [com isso] é uma construção polissêmica e pode atuar como conector lógico ou como sequenciador; iv) [como se não bastasse (x)], além de atuar como conector de adição, expressa a postura epistêmica do falante.

Lidando igualmente no nível da conexão, o artigo *Análise funcional da construção conectora contrastiva õmas olhaö*, escrito por Ivo da Costa do Rosário e Vania Rosana Mattos Sambrana, tem como objetivo principal investigar o uso desta construção conectora no âmbito das relações discursivas do português contemporâneo. Baseados nos pressupostos teórico-metodológicos da LFCU, com apoio na Gramática de Construções e nos estudos de coesão textual, os autores analisam, pelo prisma da construcionalidade, as ocorrências de *õmas olhaö* em perspectiva sincrônica, em blogues brasileiros do século XXI. Por meio de metodologia qualitativa, a análise dos contextos de uso permite concluir que essa construção

conectora foi formada por meio de *chunking* e de neoanálises sintática e semântica a partir de dois marcadores discursivos pré-existentes. No português, *õmas olhaõ* revela-se como um conector marginal, tendo em vista suas propriedades de uso no contexto de relações macrossintáticas, que extrapolam o âmbito do tradicional período composto. Em termos funcionais, esse conector atua na coesão sequencial entre proposições no campo das relações contrastivas, especialmente no nível do *modus*.

No artigo seguinte, *Marcadores discursivos focalizadores com õbemõ sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso*, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda e Gustavo Ribeiro Patrício Barbosa propõem uma rede construcional de marcadores formados por verbos de percepção cognitiva no imperativo, na segunda pessoa do discurso, e pelo advérbio focalizador *bem*, como, por exemplo, *õolha bemõ*, *õveja bemõ* e *õrepara bemõ*. Baseados na LFCU, os autores analisam seus dados a partir de um *corpus* escrito sincrônico, cujas amostras se referem aos anos de 2008, 2011, 2014 e 2017. Para o tratamento desses dados, adotam, do ponto de vista metodológico, o equacionamento entre a análise qualitativa e o cálculo da frequência de uso (CUNHA LACERDA, 2016). Como resultado mais proeminente, a análise realizada aponta que as construções identificadas, cuja forma mais genérica é [verbo imperativo + *bem*], apresentam diferentes funções, entre as quais se destacam a chamada de atenção do interlocutor pelo locutor e a focalização de um elemento da sequência discursiva.

No artigo intitulado *Propriedades funcionais da relativa livre introduzida por quem*, Edvaldo Balduino Bispo e Aline Priscilla Albuquerque Braga investigam aspectos semânticos, semântico-cognitivo e sociointeracionais implicados no uso da oração relativa livre introduzida por *quem* no português brasileiro. Fundamentados teoricamente na Linguística Funcional, conforme Givón (1984, 1995), Martelotta (2011), Furtado da Cunha e Bispo (2013), Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2015), e utilizando como fonte de dados empíricos anúncios de jornal e cartas particulares produzidos no século XIX, provenientes de *corpora* do projeto História do Português Brasileiro (PHPB), realizam uma pesquisa quali-quantitativa de natureza interpretativista. Os resultados indicam que (i) o pronome *quem* aponta para um referente caracterizado pelos traços semânticos [+ANIMADO], [+HUMANO], [+/-DEFINIDO] e [+/-GENÉRICO]; (ii) não há restrição quanto aos tipos semânticos de verbo que podem predicar a relativa livre e a oração em que ela se encaixa; (iii)

o elemento *quem* pode exercer uma variedade de papéis semânticos; e (iv) questões de natureza sociointeracional, a exemplo de subjetividade, intersubjetividade e inferência pragmática, motivam o uso da relativa livre nos dados analisados.

A seguir, Carlos Alexandre Gonçalves situa seu artigo num recente quadro teórico surgido no âmbito da Gramática das Construções, a Morfologia Relacional, sob o título *Algumas notas sobre Morfologia Relacional: uma õprimaõ da Gramática das Construções*. Desenvolvido nos últimos quatro anos por Ray Jackendoff (USA) e Jenny Audring (Holanda), segundo o autor, o modelo teórico adotado inova não apenas ao priorizar a morfologia, como o faz a Morfologia Construcional de Booij (2010), mas também por enfatizar as relações horizontais entre esquemas, generalização que Jackendoff e Audring denominam de õesquemas irmãosõ. O artigo busca mostrar ganhos no tratamento de questões morfológicas, como os *hápax suffixais* e os padrões õvraisõ, muito embora o modelo também aborde questões sintáticas. Ao apresentar esse novo quadro teórico, procura apontar os pontos de convergência e de divergência entre essa e outras abordagens construcionistas.

Os dois últimos artigos deste volume, escritos em língua inglesa, são fundamentados em interfaces do Cognitivismo com outras teorias. Em *Disentangling Subject and Anacoluthon NPs in Topic: A Cognitive Grammar and Gestalt Psychology based approach*, Luis Filipe Lima e Silva e Ronaldo Rodrigues de Paula analisam SNs em tópico, que podem ser ou sujeitos do verbo do comentário ou itens autônomos, o que normalmente denomina-se *anacoluto* (LI; THOMPSON, 1976). O artigo explora como esses diferentes SNs são mapeados de acordo com dados de fala espontânea. Partindo da proposta de Langacker (2001), na qual o tópico e o sujeito atuam como *trajetores* de âmbitos distintos, os autores assumem que tal conceito é adequado aos dados empíricos, uma vez que permite a possibilidade de co-ocorrência e de entrelaçamento de ambas as categorias no discurso oral. Além disso, com base nos conceitos de *baseline* e *elaboration* (LANGACKER, 2016), eles exploram a diferença no processamento cognitivo de SNs sujeitos e anacolutos, quando figuram em tópico. Lima e Paula consideram, dentro dessa perspectiva, que a articulação tópico-comentário é ativada serialmente, podendo resultar na formação de camadas estruturais.

Fechando os trabalhos, em *Fictivity in Vogue: a cognitive-functional categorization of fictive speech acts in a fashion corpus using Corpus Linguistics*, Raquel Rossini Martins

Cardoso, Katherine Nunes Pereira Oliva, Rodrigo Araújo e Castro, Maria Carolina Zuppari e Izabella Rosa Malta, ressaltando que a moda engloba diferentes aspectos culturais, de roupas à linguagem e ao comportamento, investigam, por meio de um método quali-quantitativo, a ocorrência de três categorias cognitivo-funcionais de atos de fala fictivos como estratégias narrativas, com base em um *corpus* de textos de moda, composto por 200 textos da *Vogue* (versão impressa) de 2015 a 2018. Em uma amostra de 60 textos, atos fictivos sentenciais (SENT), intra-sentenciais (INTRA) e inter-sentenciais (INTER) foram identificados manualmente e categorizados em cada texto por meio de *tags*. A análise quantitativa mapeou a contagem das categorias por ano e por texto, e a análise qualitativa, mais aprofundada, investiga instâncias de cada categoria e sua interpretação sob a luz da moda, da teoria cognitiva e da linguística de *corpus*. Os resultados demonstram que a ocorrência das categorias dos atos de fala fictivos sofre variação por ano, apesar da tendência de ocorrerem nos mesmos textos. Portanto, atos de fala fictivos funcionam como estratégias discursivas recorrentes para criação de um ambiente conversacional nos textos da revista *Vogue*.

Resta-nos, neste momento, desejar aos leitores e leitoras do presente volume da *Soletras* uma experiência enriquecedora. Esperamos que o conjunto variado de textos publicados neste volume permita demonstrar como a pesquisa funcionalista, aliada a pressupostos cognitivistas, concorre para que mais e melhor conheçamos a respeito do uso linguístico, sua motivação pragmático-discursiva, cognitiva e estrutural.

Referências:

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

CROF, W; CRUSE, D.A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESSEL, H. Usage-based linguistics. In: Mark Aronoff (ed), *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2017. p. 1-26.

- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. *Explain me this: creativity, competition and the partial productivity of constructions*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2019.
- HEINE, B. et al. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (org). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.
- OLIVEIRA, M. R. Bases cognitivas do Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. In: DIAS, N. B.; ABRAÇADO, J. (org). *Estudos sobre o português em uso*. Uberlândia: Pangeia, 2020, p. 89-106.
- ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, 2016, n. 60, v. 2, p. 233-259.
- TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization* Amsterdam: John Benjamins, v. 1, 1991.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.